

## TIRA PRIMEIRO A TRAVE DO TEU OLHO (Mt 7,5)

Yan Piorno<sup>1</sup>

A atualidade da nossa condição ecológica é alarmante. A ONU, no seu relatório do Panorama da Biodiversidade Global 5 (GBO-5), diz que devemos urgentemente dar ênfase prioritária às políticas de conservação da nossa Biodiversidade. De certa forma nós estamos cientes, através dos meios de comunicação social, de que as coisas não andam bem, mas parece que isto não tem sido o suficiente para convencer algumas pessoas. Esta situação de emergência não está tão tangível assim, pois parece que o conhecimento da nossa situação não promove uma alteração significativa das nossas condutas que prejudicam a biodiversidade. Será que ainda não sentimos em nossas vidas essas mudanças?

Também sabemos que, talvez por esta suposta intangibilidade, há uma porção considerável da sociedade que nega a crise ecológica. Estas pessoas são conhecidas como negacionistas, que há muito tempo têm negado fatos históricos, científicos e ambientais e que influenciam uma boa parcela da sociedade. Os negacionistas atrapalham o debate e conscientização sobre as demandas de sustentabilidade. Travam o desenvolvimento de propostas e mudanças de conduta que prejudica o meio ambiente.

Visto isto, este artigo tem por objetivo provocar em nós o desafio de construirmos um discurso capaz de enfrentar estas dificuldades, principalmente a da interferência política e social do negacionismo.

Que tipo de discurso deveríamos desenvolver? Será que alguém que nega fatos e pesquisas científicas teria a boa vontade de escutar novos argumentos? Como construir um pensamento e atitudes sustentáveis que possam sanar ou minimizar os danos ecológicos?

Arthur Schopenhauer, no seu livro *A arte de ter razão – 38 estratégias* nos fala que durante um debate é possível que uma das partes possa ignorar propositadamente, mesmo sabendo que seu argumento está equivocado, um argumento correto motivado simplesmente pela vaidade ou perversidade.

À perversidade natural da raça humana. Se não fosse isso, se fôssemos essencialmente honestos, não buscaríamos em cada debate senão trazer a verdade à luz, (...) A vaidade inata, (...), não pretende aceitar que nossa primeira afirmação se revele falsa e a do adversário tenha razão. (...) Em geral, portanto, cada um desejará impor sua afirmação, mesmo quando esta lhe pareça momentaneamente falsa ou duvidosa.

Este filósofo nos traz uma perspectiva muito presente nos nossos debates cotidianos atuais, principalmente na arena da linguagem mais comum e performática que são as redes

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia do Estado do Rio de Janeiro, assistente Social, pela UFF, em processo de Síntese Teológica pela PUC-Rio.

sociais. Dificilmente veremos alguma pessoa admitir que esteja errada ou equivocada nas suas postagens, pelo contrário, é mais fácil o debate acabar em xingamentos, cancelamentos, ameaças ou qualquer outro tipo de violência. Sendo assim, o que predomina nunca é a verdade, somente a vaidade e, até mesmo, a perversidade.

Podemos perceber que a busca da verdade das coisas não é o objeto de desejo nestes debates midiáticos e sim desempenho egoísta para a manutenção da própria imagem. Então, qual a estratégia que poderemos seguir?

Se a performance é o que prevalece e não a verdade das coisas, que tal usarmos a própria performance para interpelar a outra parte para aderir a uma conduta que minimize ou até supere os danos à natureza?

Devemos, por hora, ignorar a busca da verdade e priorizar a arte do convencimento, mesmo que isto seja uma contradição. Nosso objeto será a redução de danos ao meio ambiente se conseguirmos convencer os negacionistas a tomar novas condutas que preservem a natureza. Mas o que dizer pra quem continua negando os danos ao meio ambiente?

Para isto, proponho que façamos um exercício filosófico. Deixemos de lado a os problemas que atacam o meio ambiente e entremos no mundo possível, que ignora a dimensão científica, as pesquisas, a própria ciência e os fatos históricos. Vamos partir do pressuposto de que de fato não há nenhum perigo ambiental iminente e perguntemos: afinal, por que devemos nos envolver com a natureza? O que isto nos interessa?

Uma estratégia que proponho é valorizar a ideia de que há uma profunda integralidade da natureza conosco, a fim de eliminar todas as perspectivas dualistas que acabam fomentando mais divisões do que conciliações entre as partes. Evitar a discussão sobre o certo e o errado, o bem e o mal, esquerda e direita e buscarmos o que há de comum e o que nos une.

A perspectiva integralista que proponho, que não tem nada a ver com o movimento integralista do passado, partirá do olhar do filósofo Spinoza, passará pelo pensador Leonardo Boff e se justificará pelas orientações do Papa Francisco.

Spinoza pode contribuir para nossa construção interpelativa com sua perspectiva sobre a própria natureza. Para o filósofo, a natureza e Deus são a mesma coisa. A natureza é a materialidade de Deus. Esta perspectiva deixa claro que todos nós somos parte única de um todo e que este todo é sagrado. Quando tratamos a natureza de forma violenta, tratamos a nós mesmo com a mesma violência. Quando destruimos a natureza estamos indo em direção ao suicídio da humanidade, pois ela é parte deste todo. Este olhar integralista coloca em nós o envolvimento completo com o todo da natureza.

Mas não basta apenas entendermos ou aceitarmos esta perspectiva integralista, pois é bem provável que alguns optem pelo suicídio ou até, por motivações egoístas, pela total ignorância sobre este aspecto da integralidade. O que fazer com estes que ignoram os valores da vida integrada a natureza?

Spinoza também pode nos ajudar a enfrentarmos esta possibilidade com seu conceito de *conatus*. Mas o que é esse *conatus* de Spinoza? Segundo o filósofo, nós temos uma força interna de autopreservação da vida. Todo ser da natureza tem uma força vital que busca se preservar das coisas que nos destrói. Ele desenvolve sua ideia dizendo que podemos buscar os bons encontros e se afastar dos ruins, investir nas coisas que nos alegram e fugir das que nos provocam tristezas. (Spinoza, 2013)

Isto é bem interessante para nossa interpelação integralista, pois podemos usar o conceito do *conatus* de Spinoza e provocar: a vida é mais feliz com a natureza preservada e integrada ou destruída e decadente?

Interessante que parece ser indiscutível que a primeira opção é desejada pela maioria. Mas por que não mudamos? Parece que nossa interpelação precisa de mais profundidade e envolva aspectos atuais. Vamos ver como Boff pode nos ajudar.

Leonardo deixa claro no seu livro, *Sustentabilidade: O que é – O que não é*, que não basta tratarmos este tema na medida em que sentimos interpelados ou não. Há uma demanda que vai mais além: a demanda da responsabilidade ecológica. É preciso inaugurar uma nova era ética: a Era do Ecozoico.

*“No Ecozoico tudo é ecologizado. [...] Ecologizar aqui significa buscar um equilíbrio de todos os fatores e estar em sinergia e sintonia com o Todo.”* (Boff, 2012: 98)

Boff, resumidamente, propõe que mudemos nossa consciência e cultura e que, em relação ao cuidado da natureza, deveríamos manter o nosso foco prioritário para orientar nossas vidas e nossas maneiras de reprodução econômica, social e política.

A sinergia, ou seja, o mesmo trabalho ou esforço de sobrevivência e subsistência passaria pelo olhar vinculado essencialmente pela Natureza. Nossa realização como humanidade deve ser a realização do todo e vice-versa. Nossa responsabilidade seria a de respondermos às relações com todos no todo, alinhando nossas mentes e condutas com outras forças operantes na natureza, buscando um equilíbrio que nos completaria.

O equilíbrio, nessa perspectiva, é relacional. Vai além de qualquer tentativa de justaposição das forças vitais envolvidas. Haveria uma enorme tentativa de, nestas relações, direcionar nossas ações sempre a favor da vida. Sempre a favor das realizações integrais e plenas de todas as partes. O todo sendo e vivenciando todas as suas potencialidades. Desenvolveríamos uma ética oriunda de profundas transformações das relações humanas com esse todo.

Por fim, sigamos as orientações do Papa Francisco. Mas por que o Papa? Mesmo este artigo sendo publicada num ambiente religioso e universitário, a maior motivação de se usar os escritos de Francisco está na atual importância política que ele tem realizado. Não podemos ignorar que ele é uma das personalidades mais influentes dentro e fora do meio católico e, com certeza, uma das mentes mais respeitadas da atualidade.

Pois bem, na Carta Encíclica “*Laudato Si*”, Francisco contribui com a nossa interpelação pelos conceitos certos como flechas afiadas, principalmente pelas críticas ao relativismo prático e dos meios econômicos e políticos de como nos reproduzimos.

Em relação ao relativismo prático, ele aponta como nós, por conta de um antropocentrismo exacerbado, acabamos priorizando os interesses contingentes e passageiros e como relativizamos o restante das coisas. Tudo que não corresponda aos interesses imediatos é relativizado e preterido. Objetiva-se o outro por meio de exploração, opressão, rejeição e, até mesmo, a eliminação. Promovemos relações efêmeras e descartáveis com o outro.

Contra esta perspectiva da morte, Francisco sugere uma ecologia integral que inclua as dimensões humanas e sociais. O Papa parte do conceito de que tudo está interligado, nada é independente entre si. Todas as coisas estão interligadas por suas constituições físicas, químicas, biológicas e genéticas, por isso, quando fragmentamos e isolamos nossas perspectivas, acabamos entrando na ignorância e impede uma visão integral e ampla da realidade.

Sendo assim, não é possível falar sobre a natureza separada de nós. “Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos.” (Francisco, 2015: 86). Para Francisco a poluição e a destruição da natureza estão relacionadas no modo como fazemos a nossa economia e produzimos as mazelas sociais. São questões que jamais serão resolvidas longe de uma perspectiva integral que considere as interações dos sistemas naturais e sociais: “Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social, mas uma única e complexa crise socioambiental.” (Francisco, 2015: 86). Para corroborar com sua ideia, o Papa cita outro papa, o Bento XVI: “toda a lesão da solidariedade e da amizade cívica provoca danos ambientais.”

Francisco propõe a superação da cultura relativista e individualista pela produção da cultura ecológica integralista, que promova um regime econômico sustentável, a superação das desigualdades sociais e a valorização da diversidade cultural. Assim podemos integralizar nossas ações que aprofundam as causas ecológicas sem dissociar do bem comum, dignificando não só a humanidade, como também a natureza, pois ambas estão essencialmente interligadas.

Ora, será que podemos de fato convencer as pessoas, que negam fatos históricos, ciência e argumentos como estes citados neste artigo, que devemos buscar a integralidade, alteridade, diversidade e dignidade de todos? Que para isto o trato com a natureza exige uma nova ética pautada nestes valores? Será que nós estamos dispostos a superar nossa maneira de viver e consumir a fim de favorecer esta ética integralista?

Parece que este não é um problema para um grupo isolado. Nós também somos convidados a refletir sobre nossa conduta. Como poderemos consumir, produzir, reproduzir e existir com esta perspectiva integralista? Estamos dispostos a deixar de lado certas tecnologias, prazeres imediatos, em nome desta nova ética? Parece que alguns preferem ignorar as causas ambientais urgentes, mas nós não podemos nos unir a estes e negá-las também!

Tira primeiro a trave do teu olho.

### QUESTÕES PARA REFLEXÃO:

1. Como podemos construir um sistema econômico capaz de preservar e valorizar o meio-ambiente?
2. Como promover uma Ética mais empática e afetiva à Natureza?
3. Como desenvolver argumentos capazes de atingir os negacionistas e minimizar os danos à Natureza?

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOFF, Leonardo. *Sustentabilidade: o que é: o que não é*. Petrópolis: Vozes, 2012.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de ter a razão: 38 estratégias*. Trad. Milton C. Mota. Petrópolis: Vozes, 2017.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Trad. Tomaz Tadeu. 2 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

PANORAMA DA BIODIVERSIDADE GLOBAL (GBO-5). UNEP, 2020. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/resources/relatorios/panorama-da-biodiversidade-global-gbo-5>. Acesso em: 20 de Abril de 2022.